A CONTRIBUIÇÃO DAS MULHERES NEGRAS NA CULTURA AFRO-BRASILEIRA

Maria da Fé da Silva Viana

Observando a cultura como ato de cultivar, vemos que os objetivos da "Cultura Afro-Brasileira" estão focados na preservação de costumes trazidos da pátria-mãe e ou criados para que os grupos trazidos de forma brutal e injusta tivessem meios e formas de se sentir ligados por fios invisíveis, que só quem é personagem da história pode perceber.

Nosso país, sendo um dos últimos a abolir a escravidão, teve uma das maiores contribuições dos negros e negras em sua cultura, que por ser parecida com a nativa ou seja, a indígena, teve fácil adaptação entre todos.

Nosso objetivo em mostrar a participação das mulheres é dizer que estas, embora não sendo por muito tempo reconhecidas, sempre estiveram presentes na história de maneira total e com sua brejeirice, beleza, capacidade de persuasão e dedicação em tudo o que fazem, vêm conseguindo mudar a forma de se pensar e agir nos diversos espaços culturais, sem a negação dos caracteres étnicos que representam para nós base de vida e recuperação da história das mães, avós, bisavós, tias e madrinhas que viveram na invisibilidade social.

Nós, mulheres negras cristãs, entendemos ser a África a "casa da vida", pois a Bíblia nos fornece subsídios que levam a tal conclusão: no livro de Gênesis, capítulos 16 e 21, vemos a história de Agar, escrava egípcia que foi dada ao patriarca Abraão para gerar filhos para sua senhora, de nome Sara, a qual era impossibilitada de os ter. Entretanto, ao conceber, seu comportamento muda, pois a maternidade a empodera, a torna orgulhosa. Ela então é obrigada a partir sem ter para onde ir. Deus vai ao seu encontro e ordena que retorne, pois seu filho tem o direito de nascer na casa do pai, apesar de para acontecer isto ela precisar se humilhar. Depois acontece o milagre na vida de Sara e, ao nascer seu próprio filho, ela torna mais difícil ainda a vida da escrava, até que de comum acordo, o casal despede a escrava e o seu filho, agora considerado bastardo. Agar não tem mais o que fazer senão morrer junto com seu filho, e vai para o deserto com essa intenção. De novo há a intervenção de Deus e um anjo é enviado ao seu encontro para recuperar as vidas de mãe e filho.

Existem outras histórias de vida lindíssimas, mas só queremos mencionar o fato da família de Jesus ter se refugiado no Egito, com ele, logo após o seu nascimento, fugindo do rei Herodes, que queria matá-lo (Mt 2:13-15).

Sendo a África a casa da vida, o povo vindo de lá não poderia ser indiferente as suas questões. E mesmo sem ter como usufruir plenamente desta vida, sempre que alguém estava com dificuldade ou ameaça de perdê-la, interferiam a qualquer preço. Assim, as amas de leite viam ser arrancados de seus braços os filhos/as, nascidos em condições precárias e sem perspectivas de futuro, para tomar a si a tarefa de alimentar as crianças das Sinhás que sem isso não sobreviveriam. É uma cultura de vida.

Todas as coisas que sobravam da alimentação das grandes mesas de banquete, foram transformados em pratos que se tornaram famosos por seu sabor e composição nutricional. Feijoada, cozido, sarrapatel, chouriço e etc fazem parte da cultura alimentar.

Na saúde, os chás, ungüentos, emplastros e banhos usados pela sabedoria adquirida no contato com a natureza e herdada da ancestralidade foi, e continua sendo parte da contribuição de tantas amas, mucamas e babás, que ainda hoje encontramos no interior e nas periferias, preferencialmente lugar dos mais pobres, sempre de maioria negra.

Na organização política e econômica, temos o exemplo dos Quilombos, nos quais todos tinham os mesmos direitos e as mulheres se organizavam de acordo com as necessidades. Para que umas pudessem trabalhar, outras cuidavam das crianças.

Conclusão

De todos os meios e modos de participação das mulheres, surgiram os grupos e movimentos que hoje são responsáveis por todos os avanços que alcançamos, seja no social, político, direitos os quais abrem portas para que se ampliem as reivindicações. Isso faz parte da cultura educacional das mulheres deste século.

Em uma rápida pesquisa pude verificar a ousadia e desprendimento de algumas que nos precederam. Vejamos seus nomes e modos de contribuição cultural, que tomam diversas formas políticas:

- Maria Antonieta de Barros, mulher negra, natural de Florianópolis, professora, escritora e primeira deputada estadual do Estado de Santa Catarina;
- Auta de Souza, poetisa e escritora do Rio Grande do Norte;
- Conceição Nazaré, a maior líder religiosa do candomblé, a famosa Yalorixá Mãe Menininha do Gantois;
- Luiza Mahin, mulher que chefiou um quilombo;
- Carolina Maria de Jesus, mulher negra, moradora de uma favela do Rio de Janeiro, pobre, com filhos para criar. Sua inteligência a fez contribuir com a cultura escrevendo sobre a vida, de forma poética e criticando o sistema político vigente. Seu livro "Quarto de Despejo" teve várias edições publicadas, inclusive em outros idiomas;

O carnaval já homenageou várias mulheres negras famosas, entre elas Chica da Silva e neste ano mostrou a beleza de Candaces, um reino de tradição matriarcal, de autoria de uma das mulheres guerreiras da atualidade, a Dra. Helena Teodoro. Poderíamos falar de outras tantas que espalham a cultura política como a secretária Benedita da Silva, a ministra Matilde Ribeiro, as professoras Ana Gomes, Elza Silva, Leila Regina, Maria Celsa, Neuza das Dores, Lúcia Xavier e as anônimas que sem alarde vão contribuíndo com a cultura e mudando a face do mundo.

(*) Maria da Fé da Silva Viana é formada em Teologia, pastora da Igreja Metodista e presidente do Fórum Permanente de Mulheres Negras Cristãs do Rio de Janeiro